

IMIGRAÇÃO ÁRABE E CADEIAS MIGRATÓRIAS: UM ESTUDO DE CASO DA HOSPEDARIA DE IMIGRANTES DA ILHA DAS FLORES (1883-1929)¹

ARAB IMMIGRATION AND MIGRATORY CHAINS: A CASE STUDY OF THE HOSPEDARIA DE IMIGRANTES DA ILHA DAS FLORES (1883-1929)

Luís Reznik²

Endereço: Rua Henrique Fleiuss, 278

CEP: 20521-260

Rio de Janeiro - RJ, Brasil

E-mail: luisreznik@gmail.com

Carolina da Costa de Carvalho³

Endereço profissional: Faculdade de Formação de Professores (UERJ/FFP) - Rua Dr. Francisco Portela, 1470
- Patronato

São Gonçalo - RJ, Brasil

E-mail: carolinaccarvalho@outlook.com

Resumo: O artigo aborda a imigração árabe na Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores, primeira hospedaria fundada pelo governo brasileiro com o objetivo de receber, acolher e encaminhar imigrantes que chegavam ao Brasil pelo porto do Rio de Janeiro. Através do levantamento estatístico dos livros de registro de imigrantes da Ilha das Flores e dos relatórios do Ministério da Agricultura, pretende-se refletir, a partir da noção de “cadeias migratórias”, sobre as particularidades da presença árabe na hospedaria, em correspondência com as sólidas redes de sociabilidade existentes na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Imigração árabe; Hospedaria de Imigrantes; Rio de Janeiro; Ilha das Flores.

Abstract: The article addresses the Arab immigration at the the Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores, the first immigrant hostel founded by the Brazilian government with the aim of receiving, welcoming and sending immigrants arriving in Brazil through the port from Rio de Janeiro. Through immigration statistics present in the Ilha das Flores immigration register books and the reports of the Ministry of Agriculture, it is intended to reflect, from the notion of “migratory chains”, on the particularities of the Arab presence in the hostel, in correspondence with the solid networks of sociability existing in the city of Rio de Janeiro.

Keyword: Arab immigration; Immigrant hostel; Rio de Janeiro; Ilha das Flores.

¹ Este texto se beneficiou do ambiente intelectual e dos debates propiciados pelo grupo de pesquisa Centro de Memória da Imigração da Ilha das Flores, sediado na UERJ, que reúne estudantes de graduação, pós-graduação, pesquisadores e professores universitários. Agradecimento especial à Beatriz Klem Daudt, graduanda de História, que auxiliou na pesquisa. Também queremos agradecer aos pareceristas deste periódico pelas pertinentes observações. A pesquisa tem apoio do CNPq e da FAPERJ.

² Professor Associado e Pró-cientista da UERJ. Coordenador do Centro de Memória da Imigração da Ilha das Flores. Pesquisador CNPq, Cientista do Nosso Estado FAPERJ.

³ Mestra em História das Ciências e da Saúde - COC/Fiocruz, pesquisadora do Centro de Memória da Imigração da Ilha das Flores.

A proposta desse artigo é abordar a imigração árabe na Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores, primeira hospedaria de imigrantes fundada pelo governo brasileiro com o objetivo de receber, acolher e encaminhar imigrantes que chegavam ao Brasil pelo porto do Rio de Janeiro. Através das estatísticas da imigração presentes nos livros de registro de imigrantes da Ilha das Flores e dos relatórios do Ministério da Agricultura, pretende-se refletir, a partir da noção de “cadeias migratórias”, sobre as particularidades da presença árabe na hospedaria, em correspondência com as sólidas redes de sociabilidade existentes na cidade do Rio de Janeiro.

A imigração árabe para o Brasil é marcada por uma particularidade: a multiplicidade étnica decorrente das diversas nacionalidades das regiões do Oriente Médio que pertenciam ao antigo Império Otomano. Diferente dos europeus, que, desde fins do século XIX, vinham de países com fronteiras bem demarcadas, os imigrantes árabes se deslocavam de territórios que se encontravam em processo de reconfiguração político-administrativa como Síria, Líbano, Turquia, Palestina e Egito. Apesar das particularidades regionais, os imigrantes compartilhavam da cultura e da língua árabes e tais elementos eram mobilizados na constituição de uma comunidade árabe no Brasil.⁴

Segundo Paulo Gabriel Hilu Pinto, a formação de “identidades árabes” no Brasil se caracteriza por “um complexo processo de negociação” com influência de fatores internos e externos, a exemplo de processos culturais e das tensões políticas relacionadas às transformações na configuração geopolítica do Oriente Médio. Muito das representações eram fruto de um “orientalismo brasileiro”, onde a percepção desse grupo oscilava entre uma visão ora positivada, mobilizada pelos próprios imigrantes ao evocar a contribuição árabe-islâmica na herança da colonização ibérica, ora depreciativa, associando os árabes à imagem do turco indolente e irracional.⁵ Embora os árabes fossem chamados de “turcos” porque esta era a nacionalidade contida no passaporte emitido pelo Império Otomano, tal expressão era carregada de estigmas. Além de associar a imagem desses imigrantes ao comércio, reforçava certos estereótipos negativos, como o lucro predatório e o canibalismo, generalizava a diversidade regional e tornava evidente alguns conflitos internos relacionados às causas motivadoras da imigração. Ser chamado de “turco” era considerado

⁴ RIBEIRO, Paula. Multiplicidade étnica no Rio de Janeiro: um estudo sobre o ‘Saara’. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 199-212, 1997. MOTT, Maria Lúcia. Imigração árabe: um certo oriente no Brasil. In: IBGE. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. p. 179-196.

⁵ PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro: Cidade Viva, 2010.

pelos próprios árabes uma ofensa, uma vez que a dominação otomana era um dos principais fatores de emigração.⁶

A composição da comunidade árabe se tornou ainda mais plural na década de 1920, com assinatura do Tratado de Laussane⁷ após a fragmentação do Império Otomano, em 1922, e a formação da Grande Síria, em 1926, que correspondia aos atuais territórios de Síria, Líbano, Palestina e Jordânia. Os rearranjos políticos e geográficos possibilitaram novas reconfigurações da identidade árabe no Brasil, ao mobilizar os movimentos nacionalistas sírio e libanês. Essas categorias eram apropriadas pelos próprios imigrantes como forma de serem reconhecidos internacionalmente como cidadãos de uma nacionalidade.⁸ O contingente de árabes identificados como “sírios” e “libaneses” nos documentos oficiais referentes à imigração se tornou mais expressivo a partir dos anos 1920, não só pelo surgimento dessas regiões como territórios autônomos, ainda que subordinados à França, como também por coincidir com o período de maior entrada de imigrantes árabes no Brasil, cujas estatísticas abordaremos a seguir.

Embora essa multiplicidade de nacionalidades dificultasse a formação de uma identidade árabe, a busca por um “denominador comum” baseado na cultura e na língua permitiu a formação de uma comunidade árabe na sociedade brasileira, ainda que não fosse homogênea. A “identidade plural” foi importante para o estabelecimento desses imigrantes no Rio de Janeiro, tendo em vista que os árabes não eram um grupo étnico contemplado pelos incentivos das políticas imigratórias brasileiras, que priorizavam a vinda de imigrantes europeus para o país.⁹ A imigração árabe para o Brasil se caracteriza por ser contingente e descontínua¹⁰, sobretudo quando comparado ao fluxo de portugueses, italianos e espanhóis, que configuravam entre as nacionalidades mais numerosas que desembarcavam nos portos brasileiros.

⁶ PINTO. *Árabes no Rio de Janeiro. Op. cit.*, p. 85.

⁷ O Tratado de Laussane, assinado em 1923 pelas potências vencedoras da Primeira Guerra Mundial e pela Turquia, determinava que os imigrantes otomanos que não optassem pela nacionalidade de seu território de origem seriam nacionalizados como turcos. Isso gerou maior mobilização nacionalista nas regiões de origem, a exemplo dos movimentos da Grande Síria, do Grande Líbano, o nacionalismo árabe e o fenicianismo, que evocava uma origem fenícia dos libaneses (Ibidem).

⁸ PINTO. *Árabes no Rio de Janeiro. Op. cit.*, p. 94.

⁹ PINTO. *Árabes no Rio de Janeiro. Op. cit.*, p. 95.

¹⁰ MOTT. *Imigração árabe. Op. cit.*

Tabela 1: Entrada de imigrantes no Brasil por nacionalidades (1884-1929)¹¹

	Total	Italianos	Portugueses	Espanhóis	Árabes¹²
1884	23.574	10.502	8.683	710	-
1885	34.724	21.765	7.611	952	-
1886	32.650	20.430	6.287	1.617	-
1887	54.932	40.157	10.205	1.766	-
1888	132.070	104.353	18.289	4.736	-
1889	65.165	36.124	15.240	9.712	-
1890	106.819	31.275	25.125	12.008	-
1891	215.239	132.296	32.349	22.176	3
1892	85.906	54.993	17.797	10.471	93
1893	132.589	58.552	28.986	30.998	-
1894	60.182	37.266	17.251	6.497	-
1895	164.831	97.344	36.055	17.641	378
1896	157.423	81.605	20.530	14.837	49
1897	144.866	27.454	7.423	7.253	717
1898	76.862	13.673	9.300	2.586	1.195
1899	53.610	9.052	6.262	5.399	2.082
1900	37.807	3.773	6.285	1.758	874
1901	83.116	3.544	6.175	1.758	781
1902	50.472	3.216	6.789	1.847	772
1903	32.941	3.084	7.617	2.295	481
1904	44.706	2.977	11.747	3.296	1.907
1905	68.488	3.468	14.120	3.115	1.446
1906	72.332	4.318	16.795	4.074	1.193
1907	57.919	18.238	25.681	9.235	1.480
1908	90.536	13.873	37.628	14.862	4.514
1909	84.090	13.668	30.577	16.219	4.190
1910	86.751	14.163	30.857	20.843	5.989
1911	33.575	22.914	47.493	27.141	7.294
1912	177.887	31.785	75.530	35.492	7.741
1913	190.333	30.886	76.701	41.064	11.101
1914	79.232	15.542	27.935	18.945	3.577
1915	30.333	5.779	15.118	5.895	1.039
1916	31.245	5.340	11.981	10.306	721
1917	30.277	5.478	6.817	11.113	320
1918	19.793	1.050	7.981	4.225	95
1919	36.027	5.231	17.068	6.627	517

¹¹ Os dados referentes ao intervalo entre 1890 a 1927 foram retirados dos relatórios do Ministério da Agricultura. Os anos de 1884, 1885, 1886, 1887, 1888, 1889, 1895, 1907, 1928 e 1929 foram retirados das estatísticas publicadas na tabela "Discriminação por nacionalidade dos imigrantes entrados no Brasil", publicada em NEIVA, Arthur Hehl. O problema imigratório brasileiro. *Revista de Imigração e Colonização*, ano V, n. 3, set. 1944, p. 587-590 (Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945).

¹² Nos documentos citados, os árabes são identificados como turcos, sírios, libaneses, egípcios e persas.

1920	69.042	10.005	33.883	9.136	5.141
1921	58.476	10.779	19.981	9.523	1.997
1922	65.007	11.277	28.622	8.869	2.307
1923	84.549	15.839	31.866	10.140	4.888
1924	96.052	13.844	23.267	7.238	4.170
1925	82.547	9.846	21.508	10.062	4.001
1926	118.686	11.977	38.791	8.892	7.338
1927	97.974	12.487	31.236	9.070	3.650
1928	78.128	5.493	33.882	4.436	4.019
1929	96.186	5.288	38.879	3.565	2.766
Total	3.725.949	1.092.003	1.050.203	470.400	100.826

Fonte: *Relatórios do Ministério da Agricultura (1890-1929) e Revista de Imigração e Colonização*, ano V, n. 3, set. 1944, p. 587-590.

Entre os principais motivos de saída rumo à América, estavam aspectos de ordem política, econômica e religiosa. As dificuldades econômicas no campo e a falta de perspectiva nos setores urbanos, além da obrigatoriedade do alistamento militar a partir da década de 1900 e controle político da região pelo Império Otomano, configuravam entre as principais causas de deslocamento entre as regiões do Oriente Médio.¹³ Também se destacam os motivos religiosos: apesar de uma relativa liberdade religiosa concedida pelo Império Otomano, oficialmente muçulmano, os cristãos ocupavam uma posição inferior na sociedade. Os conflitos entre muçulmanos drusos e cristãos maronitas intensificou a saída de cristãos, principalmente após o massacre de 1860. Os cristãos correspondem a maioria entre os imigrantes árabes que se deslocavam para a América, embora a partir da década de 1920 seja registrado um aumento do número de árabes muçulmanos que se sentiam ameaçados pela tentativa de ocidentalização da região pela França.¹⁴

O Brasil era o segundo maior destino dos árabes que buscavam prosperar na América. Os Estados Unidos foram a primeira opção de muitos imigrantes e estima-se que 86 mil árabes chegaram aos Estados Unidos entre o final do século XIX e 1914, enquanto o Brasil recebeu aproximadamente 60 mil árabes, no mesmo período. Segundo Oswaldo Truzzi, embora os Estados Unidos tenham recebido mais imigrantes, quando observada a proporção que tais dados representavam no total de nacionalidades registradas nos dois países, é possível concluir que a comunidade árabe era muito mais significativa no Brasil:

¹³ PINTO. *Árabes no Rio de Janeiro*. Op. cit.; GATTAZ, André. *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*. 2ª edição. Salvador: Editora Pontocom, 2012.

¹⁴ TRUZZI, Oswaldo. O lugar certo na época certa: sírios e libaneses no Brasil e nos Estados Unidos - um enfoque comparativo. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 110-140, 2001.; MOTT. Imigração árabe. Op. cit.

correspondiam ao 7º grupo étnico mais expressivo no país, enquanto nos Estados Unidos os árabes ocupavam o 25º lugar entre as 39 nacionalidades reconhecidas.¹⁵

Os imigrantes que escolhiam o Brasil, ou outros países da América do Sul, como destino o faziam enquanto forma de permanecer na América diante das severas restrições impostas à imigração nos Estados Unidos.¹⁶ Apesar da distância geográfica, das experiências de colonização mal sucedidas e da reputação negativa que o Brasil possuía no cenário internacional devido aos problemas sanitários e ao atraso associado à população de maioria mestiça e negra, a ausência de barreiras tão rigorosas tornava o país uma alternativa secundária e viável aos olhos dos imigrantes.¹⁷ Estima-se que 3.725.949 imigrantes chegaram ao Brasil durante o período entre 1884 e 1929. Destes, aproximadamente 100 mil eram árabes, sendo a década de 1920 o período de maior fluxo imigratório desse grupo étnico no país (cf. tabela 1). Na década de 1920, foi registrada a entrada de 50.337 imigrantes árabes.

O crescimento exponencial da imigração árabe durante os anos 1920 é atribuído a dois marcos importantes já considerados pela historiografia: a promulgação do Immigration Act of 1924 nos Estados Unidos e o conflito da Grande Síria (1925-1927), que intensificou os processos de emigração na região. Ao estabelecer um limite numérico de entrada anual de imigrantes por nacionalidade¹⁸, a lei de cotas norte-americana buscava restringir a entrada de imigrantes não europeus no país. Isso tornou as políticas imigratórias ainda mais rigorosas e restritivas, dificultando a entrada de imigrantes e contribuindo para que o Brasil se apresentasse como uma alternativa para árabes e tantos outros que buscavam “fazer a América”. Além disso, o conflito da Grande Síria foi um importante fator de emigração, tendo em vista o aumento das tensões políticas internas com a ocupação do território pela França após o fim do Império Otomano. A transformação da região em um protetorado francês intensificou a formação de movimentos nacionalistas contrários à dominação europeia. O conflito deu origem aos territórios da Grande Síria (Síria, Palestina e Transjordânia) e do Grande Líbano (Monte

¹⁵ TRUZZI. O lugar certo na época certa. *Op. cit.*

¹⁶ TRUZZI. O lugar certo na época certa. *Op. cit.* PINTO. *Árabes no Rio de Janeiro. Op. cit.*, p. 34.

¹⁷ O autor também considera a persuasão em seguir para outros países da América do Sul por parte dos recrutadores das companhias de navegação ou por imigrantes retornados. TRUZZI. O lugar certo na época certa. *Op. cit.*, p. 113.

¹⁸ Correspondia a 2% da população daquela nacionalidade que vivia no país em 1890, conforme o censo populacional daquele ano. Cf. “Quotas” In: MORENO, Barry. *Encyclopedia of Ellis Island*. Greenwood Press: Connecticut, EUA, 2004, p. 198.

Líbano e regiões de maioria muçulmana do atual Líbano), que só conquistaram a independência definitiva, respectivamente, em 1946 e 1943.¹⁹

O Rio de Janeiro como destino

O porto do Rio de Janeiro era o principal ponto de desembarque dos imigrantes que vindos do Oriente Médio para o Brasil. Entre os anos de 1884 a 1929, o porto do Rio de Janeiro registrou um total de 1.844.195 imigrantes, o que corresponde à maior parcela das entradas no país, comparado com os portos de Santos, Rio Grande do Sul, Belém, Bahia e outros.

Tabela 2: Entrada de imigrantes por portos brasileiros²⁰

	Rio de Janeiro	Santos	Rio Grande do Sul	Belém
1884-1889	150.185	106.892	815	-
1890-1899	696.761	314.100	756	-
1900-1909	246.646	105.945	2.521	8.454
1910-1919	365.533	363.327	6.596	-
1920-1929	385.070	259.858	9.032	7.991
Total	1.844.195	1.150.122	19.720	16.445

Fonte: Relatórios do Ministério da Agricultura (1884-1929)

Embora o Rio de Janeiro fosse a principal porta de entrada no Brasil para imigrantes das mais diversas nacionalidades, nem sempre configurava como o destino final. No caso dos árabes, os dados do IBGE apontam que a maior concentração desses imigrantes estava no estado de São Paulo (19.285), seguido de Rio de Janeiro (9.321),

¹⁹ TRUZZI. O lugar certo na época certa. *Op. cit.*; PINTO. *Árabes no Rio de Janeiro. Op. cit.*

²⁰ As estatísticas da imigração no Brasil são incertas. A maioria dos pesquisadores capturam os dados dos relatórios do Ministério da Agricultura. Conforme já evidenciado na tabela 1, os relatórios, mananciais de preciosas informações, trazem incongruências e muitas lacunas. Neiva (*Op. Cit.*, 1944) e Carneiro (CARNEIRO, José Fernando. *Imigração e colonização no Brasil*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1950) trazem números, em grande parte, derivados dos relatórios. Em especial, o estudo de Carneiro é bastante utilizado pelos pesquisadores da História da Imigração no Brasil. Na maior parte deste texto, utilizamos os dados diretamente extraídos dos relatórios do Ministério que, como afirmamos, são lacunares. No caso desta tabela, em alguns anos, os dados do Brasil correspondem apenas aos portos de Santos e do Rio de Janeiro, que eram os principais. No período de descentralização das políticas migratórias, entre 1897 e 1906, os relatórios registram apenas as entradas no Porto do Rio de Janeiro. Entendemos, portanto, que quaisquer estatísticas em relação a esses números devem ser relativizadas. Nesta tabela, por exemplo, a soma está abaixo da totalização da tabela 1. Ainda assim, considerando os dados existentes, entendemos que há afirmações possíveis, a partir de uma visão agregada.

Minas Gerais (8.684), Rio Grande do Sul (2.656), Paraná (1.625) e Pará (1.460), conforme dados do censo demográfico de 1920.²¹

Como o enfoque deste trabalho é analisar a imigração árabe na Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores, torna-se importante identificar primeiro a movimentação de imigrantes no porto do Rio de Janeiro, de onde vinham os imigrantes direcionados à hospedaria. Embora as proporções de imigrantes árabes que passaram pelo porto do Rio de Janeiro sejam pequenas, tais dados, no entanto, permitem avançar em algumas ilações acerca desse grupo. Passemos para a tabela a seguir que indica o ingresso no Porto e na Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores.

Tabela 3: Entrada de imigrantes árabes no porto do Rio de Janeiro (PRJ) e na Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores (HIIF) entre 1884 e 1929

	Total PRJ	Árabes PRJ	Árabes HIIF
1884-1889	150.185	65	31
1890-1899	696.761	5.133	36
1900-1909	246.646	8.808	245
1910-1919	365.533	6.558	14
1920-1929	385.070	15.947	3.519
Total	1.844.195	36.511	3.845

Fonte: Relatórios do Ministério da Agricultura (1884-1929) e Livros de registro da Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores (1883-1929).

Ao comparar as entradas de árabes no porto do Rio de Janeiro e na Ilha das Flores, é possível verificar que os árabes não eram um grupo tão numeroso entre o total de imigrantes desembarcados no Rio de Janeiro. Dos 1.844.195 imigrantes que entraram no Brasil pelo Rio de Janeiro, apenas 36.511 eram árabes. Deste número, somente 3.845 passaram pela Ilha das Flores, o que corresponde a pouco mais de 10% do total registrado no porto do Rio. A década de 1910, inclusive, apresenta discrepâncias com os demais períodos, sendo marcada como o mais inexpressivo da imigração árabe na hospedaria. Ainda assim, tais informações permitem avançar em algumas reflexões a respeito desse grupo étnico, não apenas o perfil dos imigrantes que passaram pela Ilha das Flores, como também as relações mobilizadas por tais imigrantes no deslocamento para o Brasil, uma vez que não eram alcançados pelas políticas imigratórias promovidas pelo governo brasileiro, das quais a Ilha das Flores fazia parte.

²¹ IBGE. *Recenseamento geral do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1920.

A Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores foi fundada em 1883 como a primeira hospedaria criada e mantida pelo governo imperial, após outras experiências de acolhimento na cidade do Rio de Janeiro, como as hospedarias da Ilha de Bom Jesus e do Morro da Saúde²². A política imigratória do Império se voltou para atrair imigrantes, preferencialmente os europeus, para núcleos coloniais e fazendas. Com o aumento do fluxo migratório internacional no final do século XIX e a constatação dos efeitos das péssimas condições sanitárias na cidade, o governo investiu em um equipamento de recepção salubre e adequado às crescentes levadas, conforme pode se constatar nas tabelas 1 e 2, mais acima. A Hospedaria recebeu cerca de 620 mil imigrantes até 1930, que se direcionaram às mais diferentes regiões do país. Até o seu encerramento, em 1966, foram acolhidos outros 80 mil imigrantes, tendo destaque para o período imediato do pós-Segunda Guerra, quando a Ilha das Flores recebeu a totalidade dos refugiados de guerra (*displaced persons*) dirigidos ao Brasil, com apoio da Organização Internacional dos Refugiados (OIR). A exemplo de outras grandes hospedarias nas Américas, criadas no final do século XIX, como Elis Island/EUA (1892), La Rotonda/Argentina (1882), Pier 2/Canadá (1880) e Hospedaria do Brás/São Paulo/Brasil (1887), a recepção, triagem e encaminhamento eram as funções precípuas da Hospedaria de Imigrantes²³.

Pois bem. A Ilha das Flores era um importante dispositivo das políticas imigratórias do governo brasileiro. A legislação, em vários momentos, determinava que todos os imigrantes que entrassem no país pelo porto do Rio de Janeiro deveriam passar pela Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores, destacando sua importância para a implementação de medidas de inspeção e o controle aos milhares de imigrantes que chegavam ao Brasil.

De acordo com o decreto n. 16.761, de 31 de dezembro de 1924, todos os imigrantes que entrassem no Brasil através do porto do Rio de Janeiro a partir do dia 1 de julho de 1925 deveriam, obrigatoriamente, passar pela Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores, a fim de serem identificados pela polícia e inspecionados pelo Departamento

²² SANTOS, Victor da Costa. “As ordens necessárias para o agasalho e sustento dessa gente”: hospedagem e recepção de imigrantes na Província e na Corte do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX (1850-1889). Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Rio de Janeiro, 2020.

²³ REZNIK, Luís; FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. Hospedarias de Imigrantes nas Américas: a criação da hospedaria da Ilha das Flores. *História* [online], v. 33, p. 234-253, 2014. REZNIK, Luís; FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. Política imigratória e recepção de imigrantes: a experiência da Ilha das Flores. *Navegar. Revista de Estudos de E/Imigração*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 77-107, 2016. REZNIK, Luís. As hospedarias de imigrantes das Américas. In: MENEZES, Lená Medeiros de; PAGNOTTA, Chiara. (Org.). *Itinerários Europa-América Latina: dos processos aos aportes biográficos*. Rio de Janeiro: Editora Ayran, 2019, p. 161-176.

Nacional de Saúde Pública antes de seguir para seus respectivos destinos.²⁴ No entanto, ao comparar as estatísticas da Ilha das Flores com os registros de entrada de imigrantes no porto do Rio de Janeiro, é possível constatar que tal encaminhamento compulsório do porto até a hospedaria de imigrantes não era aplicado na prática.

A diferença considerável entre o quantitativo de árabes que entraram na Ilha das Flores na década de 1920 e nas demais décadas, conforme apresentado na tabela 3, permite identificar tal período como o mais significativo da presença desse grupo étnico na hospedaria: somente na segunda metade dos anos 1920, quando há registro dessa nacionalidade nos livros, foram identificados 3.519 árabes, o que corresponde a 92% do total de ocorrências deste grupo na hospedaria durante os séculos XIX e XX.²⁵ Desta forma, é possível afirmar que a década de 1920 é o ápice da imigração árabe na Ilha das Flores, corroborando com as estatísticas e estudos que apontam para o destaque os árabes passam a ter no Rio de Janeiro durante esse momento.

Apesar da presença pouco expressiva de imigrantes árabes na Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores, sobretudo quando comparado às nacionalidades europeias, como italianos, portugueses, espanhóis e alemães, torna-se pertinente abordar a presença desse grupo étnico na Ilha das Flores, tendo em vista as particularidades do processo migratório desse grupo para o Brasil e, em especial, as relações entre a passagem pela hospedaria de imigrantes e o processo de formação da comunidade árabe no Rio de Janeiro. Diferente das nacionalidades europeias, os árabes não eram contemplados pela categoria de “imigrante ideal” que pautava as políticas imigratórias do governo brasileiro. A preferência por imigrantes europeus buscava atender um dos pilares dos projetos de nação brasileira discutidos no país: o embranquecimento da população, que encontrava em teorias científicas e de cunho racial uma solução ao “problema” da miscigenação. Segundo essa lógica, também se tornava necessário restringir a entrada de imigrantes negros e asiáticos, incluindo chineses e japoneses.

Os árabes, por sua vez, não se enquadravam em nenhuma das classificações raciais existentes, pois não eram “brancos”, nem “pretos”, nem “amarelos”, o que permitiu encontrar nas próprias brechas das políticas imigratórias brasileiras condições favoráveis

²⁴ Cf. *Relatório do Ministério da Agricultura*, 1925, p. 334.

²⁵ Os dados referentes à década de 1920 incluem apenas os anos de 1925, 1927, 1928 e 1929. O intervalo entre 1920 a 1924 não apresenta registros de árabes na Hospedaria da Ilha das Flores. Além disso, os livros do ano de 1926 não foram localizados, logo há possibilidade do número total de imigrantes árabes que entraram na Ilha das Flores nesse período ter sido ainda maior do que o apresentado nesse artigo.

para entrar no país sem muitas restrições.²⁶ Além disso, a identificação de alguns traços biológicos e culturais próximos aos brasileiros, em especial, a contribuição cultural e histórica dos mouros durante a colonização portuguesa, era apontada como um elemento a favor da assimilação desses imigrantes na sociedade brasileira.²⁷

O perfil da imigração árabe na Ilha das Flores

As informações contidas nos livros de registro da Hospedaria da Ilha das Flores – cidade de embarque, nome do vapor, origem e procedência, nacionalidade, nome, idade, sexo, estado civil, profissão e destino – permitem traçar um perfil da imigração árabe. Nem sempre todos os campos eram devidamente preenchidos, mas o levantamento dos livros permite extrair algumas conclusões a respeito do perfil desses imigrantes que desembarcavam na hospedaria. A análise da documentação possibilita verificar qual a proporção da presença árabe na Ilha das Flores em relação à totalidade de árabes que desembarcavam no porto do Rio de Janeiro e em que medida tais imigrantes correspondem ao perfil daqueles já estabelecidos na cidade e que não usufruíram dos mecanismos estatais de recepção a imigrantes, isto é, as hospedarias de imigrantes.

Os “sírios” predominam entre as nacionalidades registradas nos livros da Hospedaria da Ilha das Flores, embora também sejam identificados “turcos”, “libaneses”, “palestinos”, “otomanos”, “árabes”, “egípcios” e “persas”, reforçando a pluralidade dos imigrantes árabes.²⁸ As categorias “turco” e “turco árabe” eram mais frequentes nas estatísticas brasileiras, a exemplo dos relatórios do Ministério da Agricultura e os censos demográficos. Todos os imigrantes que entraram na hospedaria de imigrantes durante o século XIX aparecem identificados como turcos e há registros de otomanos mesmo após a fragmentação do Império Otomano, em 1922. A partir do século XX, principalmente na década de 1920, que corresponde ao período mais expressivo da imigração árabe para o Brasil, os sírios se destacam como o grupo mais numeroso, tendo em vista que o surgimento da região da Grande Síria data desse período.²⁹ Os primeiros registros de

²⁶ LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional*. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: UNESP, 2001, p. 88.

²⁷ PINTO. *Árabes no Rio de Janeiro*. *Op. cit.*

²⁸ Entre 1883 a 1929, os imigrantes árabes registrados nos livros da hospedaria da Ilha das Flores aparecem com as seguintes nacionalidades: 2.887 sírios, 323 turcos, 303 libaneses, 143 palestinos, 70 otomanos, 45 árabes, 43 egípcios e 17 persas.

²⁹ Embora Clark Knowlton aponte que “até 1892 todos os imigrantes do Oriente Médio eram classificados nos documentos oficiais brasileiros como ‘turcos’ e, em menor escala, ‘turcos árabes’ ou ‘turcos asiáticos’”, é possível verificar nas estatísticas do porto do Rio de Janeiro presentes nos relatórios do Ministério da Agricultura que os

libaneses nos livros da hospedaria também datam do mesmo período. Desta forma, a diversidade de nacionalidades identificadas nos documentos oficiais pode ser considerada um reflexo das reconfigurações políticas das regiões de saída e que, muitas vezes, se configuravam como os motivos da emigração.

A imigração árabe para a América, muitas vezes, tinha como ponto de partida os portos de Beirute e Trípoli. Os imigrantes se deslocavam primeiro para a Europa e de lá embarcavam, principalmente, nas cidades de Gênova e Marselha rumo os Estados Unidos ou a América do Sul (portos do Rio de Janeiro, Santos ou Buenos Aires).³⁰ Os árabes que desembarcavam na Ilha das Flores seguiam esse mesmo itinerário. Alguns poucos vinham de Buenos Aires ou Nova York, sugerindo um deslocamento mal sucedido para outros destinos na América ou ainda a tentativa de encontrar parentes separados pela dispersão migratória. Também há registros de imigrantes encaminhados de volta para o porto de origem por serem considerados “indesejáveis”, embora não conste nos livros da hospedaria informações mais detalhadas a esse respeito.

Quanto aos destinos, a quase totalidade dos árabes que passaram pela Ilha das Flores durante o século XX se deslocaram para o Rio de Janeiro, incluindo não apenas o estado, como também especificamente a capital federal. Entre os outros destinos identificados, estavam São Paulo, Minas Gerais e Paraná. O Rio de Janeiro era o segundo estado onde a presença árabe se fazia mais presente: segundo o censo demográfico de 1920, os árabes ocupavam o quarto lugar entre as nacionalidades dos imigrantes estabelecidos na cidade do Rio de Janeiro, ficando atrás apenas de portugueses, italianos e espanhóis.³¹

Na maioria dos registros, não há informações sobre sexo, idade ou estado civil dos imigrantes. No entanto, nos casos em que é possível ter acesso a tais dados, observa-se que o perfil dos árabes que passaram pela Ilha das Flores corresponde ao já levantado por outros trabalhos a respeito dessa imigração para o Brasil. Boa parte dos imigrantes árabes que entraram na Ilha das Flores era de jovens entre 20 a 29 anos, com mesma proporção entre solteiros e casados. Também há um considerável número de crianças e adolescentes que passaram pela hospedaria, indicando a possibilidade da vinda de famílias inteiras para o Brasil. Essa característica confere à imigração árabe mais uma particularidade em

primeiros registros de sírios datam de 1894 (KNOWLTON, Clark S. *Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial*. São Paulo: Anhambi, 1960, p. 37).

³⁰ MOTT. Imigração árabe. *Op. cit.*, p. 183.

³¹ FRANCISCO, Júlio César Bittencourt. *Sírios e libaneses no Rio de Janeiro: memória coletiva e escolhas individuais*. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

relação a outros grupos, como os portugueses, cuja dinâmica de imigração consistia na vinda de uma pessoa da família antes, geralmente um homem, e depois a vinda dos demais membros, como mulheres e crianças. Mesmo que muitos tenham emigrado com a intenção de enriquecer na América e retornar às regiões de origem, no caso da imigração árabe, muitas famílias migravam inteiras fugindo de situações limite, como as dificuldades econômicas e perseguições religiosas ou políticas.³²

As profissões mais recorrentes estavam relacionadas a atividades no campo, como agricultores, jornaleiros e lavradores. Em seguida, destaca-se a presença de comerciantes, além de outros ofícios, como professores, jornalistas, operários, alfaiates e estudantes. Entre as mulheres, a atividade de doméstica era predominante, indicando um recorte de gênero no universo do trabalho e nos papéis sociais. Embora a participação das mulheres nos processos migratórios seja, muitas vezes, considerada um aspecto secundário e complementar³³, destacamos a necessidade de mais estudos sobre a participação feminina na formação da identidade árabe no Rio de Janeiro, tendo em vista as possibilidades de ressignificação do lugar feminino então exclusivamente dedicado a casa e a família. Ainda que tenha sido atribuído às mulheres a responsabilidade de manutenção das condições familiares em novas realidades, algumas trajetórias individuais revelam uma participação feminina ativa na manutenção econômica das famílias árabes em atividades comerciais junto com seus respectivos maridos, além dos cuidados tradicionais com os filhos e a casa.³⁴

Apesar da predominância de profissões ligadas ao campo entre os imigrantes registrados na Ilha das Flores, a maioria dos destinos para o Rio de Janeiro eram identificados especificamente como capital, indicando que muitos árabes se estabeleciam diretamente na cidade a fim de trabalhar no comércio, principalmente como mascates ou ainda em pequenos armazéns e lojas de tecido. A preferência pelo estabelecimento em áreas centrais urbanas em detrimento do campo estava relacionada à possibilidade de obter um retorno econômico mais rápido nas atividades comerciais, o que permitiria uma imigração de retorno conforme o planejamento inicial.³⁵ O contato com outros patrícios, isto é, imigrantes já estabelecidos facilitava o exercício do ofício comercial, diferente do trabalho rural, no qual os imigrantes não tinham recursos materiais e financeiros para

³² GATTAZ. *Do Líbano ao Brasil. Op. cit.*

³³ GATTAZ, *Do Líbano ao Brasil. Op. cit.*, p. 39. TRUZZI. O lugar certo na época certa. *Op. cit.*

³⁴ OSMAN, Samira Adel. Mulheres árabes e a participação econômica no processo migratório entre Brasil e Líbano. *Revista Mandrágora*, São Paulo, v. 17, p. 115-133, 2011.

³⁵ TRUZZI. O lugar certo na época certa. *Op. cit.*, p. 111. TRUZZI, Oswaldo. Presença árabe na América do Sul. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 11, n. 3, p. 359-366, set./dez. 2007.

trabalhar. O trabalho urbano, em especial a mascateação, permitia um acúmulo de capital que, posteriormente, era utilizado na abertura de lojas na área central da cidade. Apesar do trabalho como mascate também ser realizado por portugueses e italianos, logo se tornou associado à comunidade árabe, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo. Alguns autores atribuem essa relação à inovação das práticas comerciais, como a introdução de técnicas inovadoras na mascateação, políticas de crédito, comércio atacadista e varejista, a implementação de novos produtos e táticas de venda, ou ainda a variedade dos produtos comercializados, como tecidos, pequenas miudezas e roupas.³⁶ Ressaltamos também que a predominância de atividades comerciais e urbanas está relacionada ao tipo de imigração realizada por esse grupo, à margem das políticas de incentivo à imigração para regiões agrícolas e núcleos coloniais.

A imigração espontânea e a importância das cadeias migratórias

A presença pouco numerosa dos árabes na Ilha das Flores reforça o caráter espontâneo da imigração deste grupo étnico para o Brasil. As hospedarias de imigrantes constituíam um importante dispositivo de recepção e controle das políticas públicas dedicadas à colonização e imigração, com especial interesse pela contratação de mão de obra para trabalhar nas áreas rurais. O caráter espontâneo e predominantemente urbano da imigração árabe explica em parte porque eram um grupo pouco expressivo nesses espaços: apenas cerca de 10% do total de imigrantes que entraram no porto do Rio de Janeiro entre 1884 a 1929 passaram pela Ilha das Flores (cf. tabela 3). O mesmo aconteceu em São Paulo, principal destino dos árabes no Brasil, onde a chegada desses imigrantes também se caracteriza por um caráter espontâneo, custeado pelos próprios recursos dos imigrantes, e não incentivado pelo governo brasileiro.³⁷

Observamos ainda uma semelhança com o processo imigratório dos portugueses no Rio de Janeiro. Embora essa nacionalidade tenha sido muito mais numerosa do que os árabes, a passagem dos portugueses pela Ilha das Flores também era relativamente pequena quando comparado com o grande contingente de imigrantes portugueses estabelecidos no Rio de Janeiro, tendo em vista a mobilização de redes de sociabilidades com parentes ou conhecidos já estabelecidos, o que dispensava a necessidade de entrar no

³⁶ LESSER, Jeffrey. *A invenção da brasilidade: Identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. São Paulo: Unesp, 2015, p. 99. TRUZZI. O lugar certo na época certa. *Op. cit.* MOTT. Imigração árabe. *Op. cit.*

³⁷ KHOURI, Juliana Mouawad. *Pelos caminhos de São Paulo: a trajetória dos sírios e libaneses na cidade*. Dissertação (Mestrado em Estudos Árabes). São Paulo, 2013.

país através de instituições públicas dedicadas à recepção e encaminhamento de imigrantes, como as hospedarias.³⁸

Torna-se relevante compreender o encadeamento dos fluxos migratórios a partir da noção de cadeia migratória. Este conceito foi desenvolvido pelos pesquisadores John MacDonald e Leatrice MacDonald para descrever o fenômeno no qual os emigrantes de uma geração utilizam os contatos e experiências da geração anterior, servindo por sua vez de referência aos emigrantes da geração seguinte³⁹. Samuel Baily utilizou este conceito ao atribuir o aumento do fluxo migratório às relações interpessoais⁴⁰. Para Baily, os laços de parentela, amizade e conterraneidade entre os indivíduos que já se encontravam no exterior e os que ainda pretendiam emigrar possibilitaram a construção de redes de sociabilidade que garantiram a circulação de informação sobre o destino, além de facilitar a inserção dos recém-chegados no mercado de trabalho da sociedade receptora. Franco Ramella vai na mesma direção ao se contrapor ao enfoque estruturalista, que prioriza os fatores econômicos de “expulsão e atração”⁴¹, e argumenta a favor da perspectiva que o migrante é um sujeito racional que faz escolhas entre possibilidades diversas. Essas escolhas são potencializadas pelas redes estabelecidas aquém e d’além mar, com informações sobre o destino, sobre mercado de trabalho, entre outros.

A dinâmica das cadeias migratórias torna ainda mais relevante a importância das instituições étnicas e religiosas na organização da comunidade árabe no Rio de Janeiro. Sem dúvida, o trabalho era uma dessas redes mais importantes, pois mobilizava relações urbanas já consolidadas e fundamentais à adaptação desses imigrantes em terras brasileiras, com especial destaque para o comércio existente nas ruas da Alfândega, Buenos Aires e Avenida Tomé de Souza que deram origem ao Saara na década de 1960.⁴²

³⁸ REZNIK, Luís; FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento; COSTA, Julianna Carolina Oliveira. Se o Rio é lusitano, por que a Ilha das Flores não o é? A recepção de imigrantes portugueses no Rio de Janeiro (1883-1892). *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, v. 50, p. 89-108, 2019.

³⁹ TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. *Tempo Social*. São Paulo, v. 20, n. 1, jun. 2008, p. 202.

⁴⁰ BAILY, Samuel. La cadena migratória de los italianos em la Argentina. In: DEVOTO, Fernando; ROSOLI, Gianfausto (Orgs.). *La inmigración italiana em la Argentina*. Buenos Aires: Biblos, 1985, p. 47.

⁴¹ RAMELLA, Franco. Por un uso fuerte del concepto de red en los estudios migratórios. In: BJERG, María; OTERO, Hernán (Orgs.). *Inmigración y redes sociales em la Argentina Moderna*. Tandil: CEMLA/EHS, 1995. Tal perspectiva contrapõe a de Ravenstein que, impactado com o movimento migratório internacional, publicou em 1885, na Revista da Sociedade de Estatística da Inglaterra, “leis de migração”, em que tentou explicar e prever padrões de migração dentro e entre as nações. Ele associa fortemente desenvolvimento econômico, desigualdades regionais e nacionais aos deslocamentos populacionais. Daí se deriva o “push and pull” (atração-repulsão), que destaca o papel da dinâmica territorial na estruturação do projeto migratório dos indivíduos no qual os migrantes seriam influenciados pela existência de fatores repulsivos existentes no território de partida; por outro, a escolha do território de destino estaria condicionada pela existência de fatores atrativos, especialmente de caráter econômico.

⁴² RIBEIRO. Multiplicidade étnica no Rio de Janeiro. *Op. cit.*

Muitos mascates começaram seus negócios transportando produtos em malas e baús por fazendas e regiões vizinhas até o estabelecimento de casas comerciais. Essa dinâmica também se reproduziu no estabelecimento dos árabes em outros estados. Em São Paulo, por exemplo, havia mais de 500 casas comerciais durante a primeira década do século XX e 315 destes estabelecimentos pertenciam a sírios e libaneses, sendo 80% lojas de tecidos e, em alguns casos, alcançaram o ramo industrial ao longo dos anos 1930 e 1940.⁴³ Para além das vantagens econômicas, o comércio atuou como um importante fator de assentamento desses imigrantes através de uma rede de relações “dentro de uma cadeia que começava na chamada de recepção de imigrantes, passando por mecanismos de concessões de créditos e mercadorias, além do acompanhamento dos negócios”.⁴⁴ A mascateação também proporcionou um fortalecimento dessas redes de relacionamento, resultando no êxito da imigração sírio-libanesa e exercendo influência como atrativo para as gerações seguintes.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Departamento de Imigração, aproximadamente 94% dos 9.188 imigrantes sírios que vieram para o Brasil no ano de 1907 afirmaram ter vindo ao encontro de parentes e amigos.⁴⁵ Gattaz afirma que as redes de relacionamento pautadas, sobretudo, nos laços parentais incentivavam e facilitavam a vinda de novos imigrantes à medida que obtinham apoio financeiro para iniciar seu próprio negócio na mascateação ou trabalhar como funcionário em uma das lojas de seus conterrâneos “patrícios”. Contudo, apesar dos inúmeros casos de trajetórias bem-sucedidas, principalmente para as primeiras gerações, nem todos os que aqui chegavam alcançavam tal posição, o que teria propiciado uma hierarquização interna nesses grupos, responsável por projetar uma “ascensão étnico-racial” pautada em *status* de sucesso: assim, os imigrantes advindos do Oriente Médio eram chamados de turcos quando chegavam pobres, sírios quando abriam uma loja e aprendiam a falar português, libaneses quando se tornava ricos.⁴⁶

Além do trabalho comercial e das sociedades ligadas a essa atividade, outros espaços foram importantes para a configuração de identidades árabes, ao mobilizar “imaginações nacionalistas e diaspóricas” do Oriente Médio.⁴⁷ Destacam-se o papel

⁴³ MOTT. Imigração árabe. *Op. cit.*

⁴⁴ MOTT. Imigração árabe. *Op. cit.*, p. 187.

⁴⁵ MEHDI, Beverlee. *The Arabs in America: 1492-1977*. Dobbs Ferry: Oceana, 1978, p. 11 Apud TRUZZI. O lugar certo na época certa. *Op. cit.*

⁴⁶ PINTO. *Árabes no Rio de Janeiro*. *Op. cit.*, p. 94.

⁴⁷ PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. Primos e Patrícios: intimidade cultural e representações na construção etnicidade árabe/sírio-libanesa no Rio de Janeiro. *Confluente. Revista di Studi Iberoamericani*, Bolonha, v. 10, n. 1, p. 60-83, 2018.

fundamental que sociedades beneficentes, associações religiosas, grupos políticos, escolas e mesmo a imprensa desempenharam na negociação de “denominadores comuns” de uma comunidade étnica tão diversificada e plural nas ruas do Rio de Janeiro. As sociedades beneficentes também atuavam como círculos de discussão do nacionalismo árabe, como a Sociedade União da Síria (1897), Sociedade Beneficente Árabe (1912), Sociedade Cedro do Líbano (1914), Federação Síria (1923), Clube Sírio-Libanês (1936) e Clube Monte Líbano (1946). A pluralidade de credos religiosos igualmente se manifesta nas comunidades e igrejas fundadas, a saber: Sociedade Ortodoxa São Nicolau (1900), Irmandade Maronita (1901), Conselho Grego Católico Melquita (1928), Sociedade Beneficente Alauíta (1931), Sociedade Beneficente Muçulmana do Rio de Janeiro (1951), e outras.⁴⁸

A imprensa também era um importante veículo de informação política e identitário, correspondendo a mais de 140 jornais de língua árabe que circulavam tanto na América quanto no Oriente Médio.⁴⁹ Compete ressaltar, no entanto, que apesar do esforço de constituir uma etnicidade árabe pautada em aspectos culturais e linguísticos, as próprias instituições reproduziam certas particularidades regionais, bem como as tensões e conflitos e políticos das regiões de origem dos imigrantes que se reproduziam aqui e que poderiam culminar em passagens pela polícia ou até mesmo deportação.⁵⁰

Além das instituições, a formação de uma “intimidade cultural” entre os próprios imigrantes na constituição de uma identidade árabe também passava pela incorporação de certos elementos que pairavam sobre o imaginário brasileiro a respeito desse grupo étnico. Essa configuração possibilitou ressignificações pelos próprios imigrantes e seus descendentes, ao incorporar certos estereótipos projetados pela sociedade brasileira que nem sempre correspondiam aos costumes tradicionais, mas que podem ser interpretadas como “estratégias retóricas de reivindicação de visibilidade na paisagem social brasileira, e não como expressões de supostas realidades demográficas”, fundamentais para a conservação dessa identidade e a transmissão dos costumes às gerações seguintes.⁵¹

⁴⁸ PINTO. *Primos e Patrícios*. *Op. cit.*, p. 65-66.

⁴⁹ *Ibidem*.

⁵⁰ FRANCISCO, Julio Bittencourt; LAMARÃO, Sérgio. Sírios e libaneses e a expulsão de estrangeiros na Primeira República. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 256-266, 2013.

⁵¹ PINTO. *Primos e Patrícios*. *Op. cit.*, p. 61.

Considerações finais

A experiência imigratória dos árabes na Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores permite extrair algumas conclusões a respeito deste grupo. Mais do que indicar que era um grupo minoritário comparado às nacionalidades europeias, a presença pouco expressiva desse grupo na hospedaria reforça o caráter particular dessa imigração para o Brasil e, em especial, o Rio de Janeiro, onde a contribuição dos árabes se deu de diferentes maneiras, a exemplo do comércio e de outras atividades urbanas. A baixa ocorrência de imigrantes classificados como turcos, sírios, libaneses, egípcios, persas, palestinos e otomanos na Ilha das Flores sinaliza a posição deste grupo um tanto quanto à margem das políticas imigratórias brasileiras. Isso se deve não apenas devido à ausência de uma classificação racial clara, que não enquadrava os árabes em nenhuma das categorias usadas para determinar quais imigrantes eram classificados como desejáveis ou indesejáveis segundo os propósitos do governo brasileiro que incentivavam a imigração para o país, mas também em função das cadeias migratórias, nas quais os imigrantes mobilizavam relações já existentes nos locais de destino. Confere, ainda, um caráter singular e espontâneo à imigração árabe, nos quais as redes de sociabilidades existentes no país eram muito mais mobilizadas e articuladas na atração e estabelecimento desses imigrantes, contrastando com a imigração dirigida para o país na qual a Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores se enquadrava como o principal local de recepção para aqueles que desembarcavam no Rio de Janeiro.

Ainda assim, compreendemos que o aumento do fluxo imigratório árabe para o Brasil e para o Rio de Janeiro na década de 1920 pode estar relacionado a levadas migratórias de indivíduos e famílias ainda sem vínculos com os antigos emigrados. Cerca de 22% dos árabes que entraram no Rio de Janeiro especificamente nesse período foram para a Ilha das Flores (cf. tabela 3). Para estes, a hospedaria de imigrantes se apresentava como uma porta de entrada para o primeiro contato com o país. No entanto, diferente de outras nacionalidades cuja presença na hospedaria era menos expressiva quando comparada ao respectivo contingente urbano, a exemplo dos portugueses, cujo fluxo migratório na Ilha das Flores era direcionado ao campo⁵², a parcela mais expressiva dos árabes que passaram pela hospedaria acabaram por permanecer na capital devido aos fortes laços associativos ali gerados e que foram acolhedores e fundamentais aos esforços desses imigrantes de reconstruir suas vidas na América.

⁵² REZNIK; FERNANDES; COSTA. Se o Rio é lusitano, por que a Ilha das Flores não o é? *Op. cit.*

Recebido em 05 de junho de 2020
Aceito em 13 de janeiro de 2021